

REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES HÍBRIDAS NA CIDADE DE TEIXEIRA DE FREITAS, BAHIA: DESENVOLVIMENTO E ASPECTOS CULTURAIS

Jessyluce Cardoso Reis
Wilson Alves de Araújo
FASB

Resumo: O presente artigo pretende analisar as contribuições do movimento migratório para a formação identitária do município de Teixeira de Freitas, extremo sul da Bahia. Os elementos conceituais de identidade são aqui analisados a partir das discussões sobre a pós-modernidade ou modernidade tardia e sua influência no cotidiano urbano do município em questão, que apresenta em sua constituição populacional, ordenação de valores instituídos pelo processo de migração de várias regiões, revelando tendências naturais da hibridação cultural, desterritorialização e reterritorialização. Por meio de pesquisa qualitativa, empregou-se a entrevista semi-estruturada para coleta de dados. Conclui-se que a identidade da cidade de Teixeira de Freitas não está por ser formada, mas apresenta em sua essência uma antecipação às novas formas de ocupação dos espaços físicos e simbólicos, resultantes da construção sócio-histórica, ora denominada de pluralidade cultural.

Palavras-chave: Identidade híbrida, pós-modernidade, desterritorialização, cultura, migração.

Aspectos configuradores da pós-modernidade: novas identidades, hibridação, territorialização e desterritorialização

O presente artigo busca analisar as representações da hibridação formada pelo processo de migração no desenvolvimento e respectivos aspectos culturais do município de Teixeira de Freitas, Bahia. Para elucidação de tal abordagem, utilizou-se como referencial teórico as discussões sobre a pós-modernidade através da sistematização dos conceitos de identidade, hibridação, territorialização e desterritorialização.

Face ao contexto pós-moderno, surge a redefinição do conceito de identidade, vez que, as tradições e valores repassados de geração a geração, tornam-se vulneráveis. As identidades, até então estáveis e centradas, passam a

assumir a condição de identidades cambiantes, resultado da difusão cultural proporcionada pelo mundo globalizado, que se caracteriza como hibridação.

Segundo os estudiosos do tema, o fenômeno da pós-modernidade ocorre a partir do final do século XX, sendo caracterizado ainda, como modernidade tardia ou como período pós-colonial. Para Castoriades (1990), a modernidade é um projeto que nunca foi finalizado, na medida em que deve estar sempre aberta a reformular seus princípios (apud LOPES et al, 2002, p. 33). Habermas (1990) afirma que a modernidade é um projeto inacabado. Fato é que, urge neste contexto, a necessidade da análise esclarecedora dos meandros em que margeia a definição de identidade (apud LOPES et al, 2002).

Com o surgimento da concepção pós-moderna, as identidades até então estáveis e centradas nas culturas nacionais cedem espaço para o “deslocamento identitário”, em que o centro da estrutura é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder” (LACLAU apud HALL, 1999, p. 16). Neste sentido, a concepção das novas identidades refere-se ao descentramento do sujeito que propicia sua reconstrução identitária permanentemente. Assim, as novas identidades tendem à hibridação, processo pelo qual a cultura deixa de ser um círculo de tradições fechado, com regras imutáveis, constituída pelos modelos padronizados e institucionalizados, traduzindo-se numa cultura globalizada que redefine territórios.

Para uma compreensão analítica do que seja esta redefinição de território, é primeiramente essencial definir o que seja território no âmbito desta discussão. Em Haesbaert (2002 apud LOPES et al, 2002), existem pelo menos três linhas de interpretação. A primeira diz respeito ao território como base material, concreta de reprodução da sociedade, a exemplo da sociedade indígena que mantém bases materiais sobre as quais se reproduz. A segunda definição é a base política em que o território representa poder e, conseqüentemente, uma forma de controle dos indivíduos. Uma última definição de território trata-se da dimensão cultural, que o vê antes de tudo como um espaço dotado de identidade, o que seria a identidade territorial, representada pela concepção identitária religiosa, étnica, nacional, dos grupos sociais.

No entanto, os espaços pós-modernos estão sendo tomados pelas transformações tecnológicas, e, quanto maior for a sua inserção na sociedade, maior será a sua desterritorialização. Atrelada a esta concepção, está também a desterritorialização cultural provocada pela cultura globalizada, aqui denominada de cultura híbrida. Pode-se entender desterritorialização como o movimento pelo qual se abandona o espaço territorial, espécie de operação da linha de fuga e a reterritorialização é o movimento de construção do território (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Os referidos autores afirmam ainda que não se pode dissociar desterritorialização de reterritorialização, pois tais fenômenos acontecem concomitantemente. Em Ortiz (1998), o conceito de desterritorialização está intrinsecamente relacionado ao processo de transformação planetária nas dimensões

política, econômica e cultural, o que significa, portanto, a deslocalização das relações sociais de um entorno físico determinado, cujo movimento redefine o limite de Estado-nação, a partir dos parâmetros universais ocasionados pela globalização.

Com efeito, os espaços geográficos do mundo pós-moderno segundo Harvey (1989/1992), “reporta-se a uma ‘compreensão tempo-espaço’ para se referir a um encolhimento do espaço pelo tempo” (apud LOPES et al, 2002, p. 33). O espaço global se estreita para se realizar no espaço local. Um claro exemplo desse encolhimento são as relações do homem com o mundo global através da *web*, que institui a “cibercultura”¹. Sobre esta concepção a compreensão de Haesbaert (2002) é que:

Quanto maior a transformação tecnológica no domínio da natureza, maior será o desatrelamento dos grupos sociais em relação ao seu meio físico e, portanto, maior nível de desterritorialização, assim o “ciberespaço” ou a “cibercultura” representaria o ápice do processo de desterritorialização (apud LOPES et al, 2002, p. 36).

A nova configuração do espaço, provocada pelos avanços tecnológicos, cria a possibilidade de um mundo atemporal, materializando a desterritorialização. Sobre tal aspecto, se debruçam a falta de exatidão e a superação dos limites geográficos que caracterizam as incertezas provocadas pelo mundo globalizado.

Para Canclini (1998, p. 309), “as buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre desterritorialização e reterritorialização”.

Nesta acepção, vê-se que a perda da relação da cultura com os territórios sugere uma nova geografia e, conseqüentemente, uma nova configuração simbólica dos espaços sociais. Tal assertiva apresenta-se para o referido autor, como resultante dos processos mundiais de intersecção dos territórios, a exemplo da simultaneidade planetária das informações, da descentralização das empresas e do uso da tecnologia na difusão cultural, fatores que dificultam a delimitação territorial até então proposta pela cartografia. Por outro lado, os fluxos da migração provocam o intercâmbio entre o centro e o periférico, denotando a relativização de identidades e culturas. A nova concepção do espaço geográfico sintetiza o conceito pós-moderno de identidade. Hall (1999, p. 12) afirma que “sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”.

A diluição das identidades, em função da hibridação provoca a inter-relação territorial e, conseqüentemente, o simulacro identitário em detrimento da identidade una. Ainda em Hall (1999), observa-se que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo

uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1999, 12-3).

Nesta significação, a razão de ser das várias identidades efetiva-se em razão da interelação do sujeito em suas várias representações, cabendo aqui, o entendimento da identidade como algo permanentemente inacabado. Assim, em consequência da globalização, as identidades até então tidas como organizadas e centradas passam a se desintegrar e o seu declínio é resultante do impacto cultural do mundo pós-moderno que cede espaço para as identidades híbridas.

Teixeira de Freitas, Bahia: das origens ao desenvolvimento

Localizada no extremo sul da Bahia, a 884 km da capital do estado, a cidade de Teixeira de Freitas, formada inicialmente por famílias afro-descendentes, ora conhecida pelo nome de “Mandiocal”, ora de “Comércio dos Pretos”, não apresentava perspectivas de crescimento. A partir dos anos 60, com o grande comércio de madeira de lei, o povoado desenvolveu-se bastante, o que proporcionou a imigração de comerciantes, agricultores e pecuaristas de outras regiões. Segundo relatos orais, na década de 60, as primeiras fazendas de gado foram instaladas no povoado, sendo a mais antiga, a Fazenda Cascata, que se constituía no ponto de referência da região, pertencente ao coronel Quincas Neto. Nesta época, os meios de transporte mais utilizados eram o cavalo e a canoa, vez que não existiam estradas que dessem acesso aos demais distritos. Neste período chegaram os primeiros moradores, a exemplo da família Guerra.

Implantado às margens da BR 101, o município de Teixeira de Freitas cresceu assustadoramente, sendo emancipado com uma população de 63 mil habitantes, em 09 de maio de 1985. Segundo dados do Censo Demográfico de 2000, a referida cidade tem uma população estimada em 96.000 habitantes (IBGE, 2000). Na agricultura, tem se destacado como 8º produtor baiano de maracujá, 10º em batata-doce e possui produção expressiva de mandioca e limão. Na pecuária, apresenta importante criação de bovinos, além de rebanhos suínos, eqüinos e muares.

Teixeira de Freitas tem tradição nas atividades agropecuárias e comerciais, sendo que um dos fatores fundamentais para tais aptidões diz respeito à sua localização geográfica, vez que, a cidade faz limites com os estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Tal condição geográfica propiciou a entrada de um número significativo de capixabas e mineiros na cidade, e mais tarde os japoneses, cujo desbravamento deu um tom no cotidiano urbano. Os capixabas e os mineiros agregaram ao comércio local a pujança que tornou a cidade,

atualmente, em uma das mais desenvolvidas do estado da Bahia. Conforme registros na Junta Comercial do Estado da Bahia - JUCEB, a cidade possui 656 indústrias, 14º lugar na posição geral e 5.305 estabelecimentos comerciais, 10ª posição dentre os municípios baianos.

Movimento migratório: contribuições para o desenvolvimento cultural e econômico da cidade

O movimento migratório presente no cotidiano urbano da cidade se expressa pelas constantes “idas e vindas” de pessoas das diversas regiões e de outros países em busca de novas oportunidades, o que contribui para o desenvolvimento vertiginoso das atividades relacionadas à agricultura, pecuária, comércio, serviços, dentre outras. Essa mobilidade altera o espaço geográfico em suas constituição física e simbólica que reflete na reconstrução contínua dos valores presentes na comunidade pesquisada, a partir das diversas contribuições de outras culturas.

A formação do povoado atraiu comerciantes, pecuaristas e agricultores das mais diversas regiões do país e de outras cidades da Bahia, a exemplo dos senhores Alcenor Barbosa e Hegberto Rabelo Pina. O primeiro vindo de Itapetinga, o segundo de Jequié. Os relatos a seguir explicam um pouco o histórico destes primeiros comerciantes.

Meu pai, Alcenor Barbosa, chegou aqui em 1955, e a primeira atividade que ele exerceu foi a de comerciante, quando ele fundou a Casa Barbosa, loja de materiais de construção. Naquela época, ele encontrou muitas dificuldades, a infra-estrutura era precária. Meus pais trouxeram para Teixeira de Freitas, a influência da sua terra natal, Itapetinga, que é a criação de gado, inclusive, se dedicou à pecuária também. A maior influência cultural era dos índios e dos negros, era uma cultura mistificada (sic) por essas duas raças (informação verbal)².

Meu pai veio de Jequié para Teixeira de Freitas com o objetivo de trabalhar com o sr. Júlio, um comerciante da cidade, só que os negócios do sr. Júlio não deram certo e aí meu pai abriu um pequeno comércio de secos e molhados. Nesta ocasião, ele conheceu minha mãe, Dona Hiná, natural da região de Alcobaça, filha de João Palmeira Guerra, com quem veio a casar dois anos depois. Meu pai continua até hoje com comércio, só que agora trabalha com materiais de construção. Nasci e cresci aqui, apesar de passar um tempo estudando fora. Considero Teixeira de Freitas com uma identidade cultural indefinida, o povo daqui muda muito. A cidade vive uma eterna situação transitória, a rotatividade é muito grande e afeta a manutenção das tradições. Quantas pessoas conhecemos aqui, e foram embora. Já não temos mais contato (informação verbal)³.

Os relatos acima configuram a primeira impressão tida pelos moradores

que desbravaram o município, sinalizando os primeiros indícios do processo de desterritorialização no referido espaço.

Contribuições dos capixabas no desenvolvimento de Teixeira de Freitas

O histórico da fundação da cidade de Teixeira de Freitas está associado à exploração da madeira. Na década de 1950, chegaram os srs. Hermenegildo Félix de Almeida e Júlio José de Oliveira, que deram início ao desmatamento. Posteriormente, a firma Eleosíbio Cunha construiu um acampamento coberto de palhas, dando início à extração de madeira. A perspectiva de bons negócios atraiu muitos capixabas, que vieram, principalmente, das cidades de Linhares, Colatina e São Mateus. A partir da década de 1960 fixaram comércio e residência em Teixeira de Freitas. A princípio, a exploração comercial pelos capixabas ficou restrita às serrarias. Isso se observa no relato do Sr. José Caliman:

Cheguei em Teixeira de Freitas em janeiro de 1973, a minha primeira atividade desenvolvida aqui foi a madeireira. A princípio enfrentei algumas dificuldades principalmente em relação a cultura que encontrei aqui, pois vim de uma região de imigrantes europeus, onde se conserva a cultura italiana até hoje. Com o passar do tempo, fui me adaptando aos costumes da cidade, apesar de ter conservado alguns traços da minha cultura. Teixeira de Freitas é um lugar muito bom pra se viver, é uma região rica e com excelente clima, isso faz com que muitas pessoas continue (sic) vindo de outros estados para viver aqui (informação verbal)⁴.

Na década de 1970, com o crescente desenvolvimento econômico da cidade, a migração dos capixabas para a comunidade pesquisada, objetivava explorar o segmento comercial, o que contribuiu para o fortalecimento econômico local. A contribuição dos capixabas para o desenvolvimento da cidade evidencia-se no relato da Sra. Edileuza Rabelo Pina:

Na minha infância recordo-me que muitos capixabas vieram morar aqui para explorar a madeira. Eram muitas serrarias, como naquele momento a cultura daqui ainda era rural, eles, os capixabas, contribuíram com seus costumes, a exemplo da culinária que foi bem aceita e agregada a nossa mesa. Outro fator que ajudou bastante nesta relação entre teixeirenses e capixabas é a localização geográfica. Estamos a poucos quilômetros da capital do Espírito Santo. Vitória terminou por ser referência para os nossos estudos. Inclusive quando estudei lá, não sentia muita diferença em relação aos costumes, porque já tínhamos uma convivência com essa cultura aqui (informação verbal)⁵.

O Ensino Superior em Teixeira de Freitas é marcado pela presença dos capixabas. Muitos professores se deslocam principalmente das cidades de

Linhares e São Mateus para lecionar em Teixeira de Freitas, como afirma o professor Wellington Renan da Vitória Reis:

Vim para Teixeira de Freitas em busca de novos caminhos. Hoje percebo que as oportunidades são muitas. É um paraíso a ser descoberto, trata-se de um município em franco desenvolvimento. Porém, é um desenvolvimento desordenado. As pessoas que estão aqui são na maioria de outras regiões e procuram a cidade em busca do desenvolvimento. Penso que por isso ainda não foi possível assimilar os traços culturais de Teixeira de Freitas, face às diversidades existentes. Permaneço com a expectativa de conhecer outras cidades do estado e quem sabe me tornar um baiano. Contudo, acredito que posso contribuir para o desenvolvimento educacional da região (informação verbal)⁶.

Com forte tendência a se transformar num pólo educativo de referência, o município conta hoje com várias instituições de Ensino Superior, conta inclusive, com um campus da Universidade do Estado da Bahia, cabendo destaque no segmento educacional privado para a Fundação Francisco de Assis, pioneira na cidade. A região conta com várias instituições educativas de qualidade. Sobre as tendências vocacionais da cidade, relata o sr. Renato Carlos Neiva de Souza, engenheiro florestal, morador da cidade de Teixeira de Freitas:

Sou um entusiasta da região e entendo que a vocação da região é florestal, o turismo e agora, recentemente, a produção de energia através da cana-de-açúcar, e para minha surpresa vejo que além destas aptidões, Teixeira tem, aos poucos, se transformado num pólo de ensino, que atende hoje, satisfatoriamente, a região. Na questão educacional houve um grande avanço nestes últimos quinze anos. Acho que tem poucos lugares no Brasil que vale a pena trocar por Teixeira de Freitas, eu continuo entusiasmado por aqui (informação verbal)⁸.

O Ensino Superior tem atraído, também, centenas de estudantes das cidades circunvizinhas.

Mineiros ou baianos?

Em 1950, instalou-se em Teixeira de Freitas a madeireira Santa Luzia, pertencente ao senhor Eleosíbio Cunha, de Viçosa, Minas Gerais. A Santa Luzia extraía madeira do solo teixeirense e transportava para Viçosa, o que incentivou outros mineiros a mudarem para Teixeira de Freitas. Assim, os mineiros, na sua maioria, vindos do norte de Minas Gerais, das cidades de Nanuque, Teófilo Otoni, Almenara, Águas Formosas dentre outras, passaram a explorar a pecuária e o comércio. Então, a consistência econômica da cidade passou a expandir-se a partir da concentração desses migrantes que trouxeram muito da sua cultura, principalmente, no que se refere à culinária.

A influência da cozinha mineira fez dos baianos – teixeirenses – verdadeiros apreciadores da costelinha de porco e do tutu de feijão. Envolvidos com as culturas mineira e baiana, os mineiros que moram em Teixeira de Freitas, amistosamente se autodenominam “baianeiros”.

Já nos anos 90, com a implantação das empresas de celulose, mais uma vez, a cidade recebeu migrantes de várias localidades do país, principalmente, do Sul e Sudeste. Essa nova realidade provocou alterações geográficas, no campo, pela monocultura do eucalipto; na cidade, pelo êxodo rural. Momento em que o município tem o seu mapa urbano alterado pela intensa migração campo-cidade, razão pela qual se deu o crescimento desordenado de inúmeros bairros periféricos. Conforme relato do sr. Renato Carlos Neiva de Souza:

Cheguei nesta cidade em 1992, vim de Minas Gerais, no período de implantação da Suzano Bahia Sul Celulose, vim para trabalhar com a prestação de serviços no corte e fornecimento de madeira. Tinha uma expectativa muito grande com a região porque estava tudo por ser feito, uma região de grande potencial. O maior incentivador da vinda das pessoas para Teixeira de Freitas, sem dúvida, foi à exploração da madeira, porém, muitas dessas pessoas, tanto os mineiros, como os capixabas e muitos outros que vieram aqui com esta finalidade, contribuíram para o desenvolvimento cultural da cidade; apesar da colônia mineira ser grande aqui, hoje vejo a cultura daqui muito dispersa. A princípio, a gente sabia identificar a origem da pessoa aqui, quem era o capixaba, o mineiro, agora é difícil identificar, trata-se de uma cultura difusa (informação verbal)⁷.

Colonização japonesa: conquistas e aprendizados

Os primeiros japoneses chegaram em Teixeira de Freitas em 1970 como obetivo de explorarem a agricultura. Entre os pioneiros destacam-se Hidetsugu Nakanishi, Itsuru Akahori, Nobuhiro Ohta e Sano. Inicialmente eles se dedicaram à plantação de abóbora, melancia e tomate, mas a partir de 1980, a colônia japonesa de Teixeira de Freitas passou a cultivar o mamão, elevando o município à condição de maior produtora de mamão hawaii do Brasil.

Com o crescimento da população nipônica na cidade, em 1977, foi fundada a Associação Cultural Esportiva e Agrícola de Teixeira de Freitas - ACEATF. O primeiro presidente da entidade foi Yoshio Nishi, que em sua gestão, criou a escola de língua japonesa para atender aos filhos dos japoneses. Em 1980, Teixeira de Freitas comportava 150 famílias japonesas.

Muitos migrantes japoneses constituíram famílias em Teixeira de Freitas e se dedicaram ao comércio e à vida política do município. Com a crise financeira do país deflagrada no Governo Collor, alguns japoneses migraram para outras regiões, outros retornaram para o país de origem, contudo, as suas contribuições tiveram influências significativas na comunidade pesquisada.

Em depoimento sobre a cultura nipônica na cidade de Teixeira de Freitas e região, o sr. Sérgio Naoto Tokushige explica que:

A colônia de imigrante estrangeiro, no extremo sul da Bahia sempre foi muito forte, mantendo até hoje, no clube Kaikan em Teixeira de Freitas, a comemoração da colônia japonesa. Muitas comemorações marcantes, a exemplo da vinda do imperador do Japão ao Brasil também foi comemorada, assim como todas as datas festivas do Japão, ainda são comemoradas aqui. Atualmente, o número de famílias de japoneses reduziu bastante. Outras famílias foram construídas chegando à terceira geração da colônia japonesa, (60 famílias atualmente). O que contribuiu para o êxodo das famílias japonesas foi o plano Collor. As cooperativas e associações se endividaram não sendo possível à continuidade do trabalho na cidade. Assim, muitas famílias retornaram ao Japão na condição de dekasegues. Outros mudaram de profissão e retornaram principalmente para o interior de São Paulo. Considero a região boa pra se viver, muitos dos nossos filhos foram nascidos aqui, sendo a colônia japonesa integralizada à cultura local. Quanto às tradições da comunidade nipônica considero que foram preservadas, mantendo o aspecto cultural da sua dinastia, através dos eventos realizados pela Associação Clube Kaikan (informação verbal)⁹.

A colônia japonesa de Teixeira de Freitas, a partir de 1990, reduziu-se significativamente, contudo, são perceptíveis os traços da intersecção cultural na colônia nipônica na comunidade pesquisada.

Teixeira de Freitas: cidade sem identidade ou cidade de híbridas identidades?

Na percepção de alguns teixeirenses e de alguns migrantes, Teixeira de Freitas não possui, ainda, sua identidade cultural formada. Esta inferência, normalmente, associa-se à ausência das tradições culturais peculiares ao estado da Bahia, a exemplo dos folgedos, do sincretismo religioso ou mesmo da culinária. Sobre este aspecto, é perceptível a influência de outras culturas, sem, contudo, haver uma definição deste ou daquele aspecto cultural. Neste sentido, vê-se que em seu cotidiano, a cidade não apresenta apenas a ausência dos valores da identidade baiana como provável resultado da intensa integração entre as várias culturas, mas o refazimento constante dos valores identitários.

Considerando que pessoas se deslocam para outros centros e tantas outras são deslocadas para a cidade com muita frequência. Com tal fato, a organização dos valores culturais no espaço urbano de Teixeira de Freitas tende à reconstrução instantânea de novas identidades, a serem permanentemente contextualizadas, o que provocam rupturas constantes nos modelos que tendem a ser estabelecidos.

Um exemplo clássico desta inconstância, diz respeito ao lazer. Muitas

tentativas têm sido feitas para a estruturação de um espaço de lazer. No entanto, as tentativas não se enraízam, a exemplo da gincana anual que acontecia no período do aniversário da cidade, dia 09 de maio. Percebe-se que a mutação é essencial para o cotidiano da referida cidade, revelando traços da hibridação cultural, que permanentemente substitui a tradição. Sobre o processo de hibridação pelo qual comunidades do presente século tendem a vivenciar, Canclini (1998, p. 3-4) faz as seguintes considerações:

Hibridação, para mim, é uma noção descritiva, caracteriza processos sociais em que se dão cruzamentos, intersecções, sem nos permitir estabelecer o caráter dessas intersecções ou dessas hibridações. (...) Essa diversidade de processos de fusão ou de cruzamentos, alguns de nós apostamos em reunir sob uma noção mais abarcadora, de hibridação, que não só reúne essas formas históricas de organização heterogêneas, como outras, modernas, como podem ser as articulações ou mesclas do culto com o popular e o massivo ou do moderno com o tradicional.

Tal comportamento sintetiza o caráter dos movimentos migratórios, sendo aqui evidenciados como identidades híbridas, em que as referências identitárias são reconstruídas ou desconstruídas cotidianamente, a partir da mediação entre as diversas culturas. A desconstrução identitária faz de Teixeira de Freitas uma cidade com características pouco peculiares as do estado da Bahia, principalmente, em relação às tradições populares. Considerando que em relação às festas populares – marca registrada da cultura baiana – a cidade não mantém tal tradição, a exemplo dos Mouros e Cristãos, tradição trazida de Alcobaça, para Teixeira de Freitas, pela família Torquato, mais precisamente por Dona Ana Torquato, que realizava a Festa dos Mouros e Cristãos no período das comemorações da festa de São Sebastião. Sobre tal tradição, o Sr. Diógenes Tavares Reis, participante dos Mouros e Cristãos, relata:

A Festa dos Mouros e Cristãos, aqui em Teixeira, era muito forte. Eram dois dias de Festa, Dona Ana Torquato era quem organizava a festa. Ela trouxe a Festa de Alcobaça, porque São Sebastião é padroeiro de lá. Entre os anos de 1965 a 1975, a festa acontecia na Igreja São Pedro. Com a morte de D. Ana Torquato, já não havia mais incentivo para continuar com a festa. Sinto muita saudade daqueles festejos, inclusive eu comecei a participar da festa dos Mouros e Cristãos como soldado, no ano seguinte passei a puxador de alarme; lembro-me como hoje da última festa que aconteceu, eu já tinha alcançado o posto de capitão que era a maior autoridade da festa. Em Teixeira de Freitas, muita coisa boa já aconteceu, mas as coisas boas não permanecem, tudo passa, as pessoas não fazem questão de continuar com as tradições. Aqui já teve boas festas de São João, o povo até cimentava as ruas para a festança. Sinto saudades porque as coisas aqui em Teixeira acabam, elas não continuam (informação verbal)¹⁰.

Tal comportamento pode ser traduzido como falta de sentimento de

pertença em relação à territorialidade, ou seria a conscientização da concepção pós-moderna sobre a territorialização? Sobre o exposto Haesbaert (2002), afirma:

É de uma nova concepção de território, então, que se trata. Um território múltiplo, onde devemos implementar não uma identidade uma e pouco permeável ou, ao contrário, a diluição de todas as identidades, mas o convívio entre várias construções identitárias, inclusive aquelas que envolvem a opção de compartilhar múltiplos territórios (apud LOPES et al, 2002, p. 49).

Procedimentos metodológicos

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, foi utilizada a técnica da entrevista semi-estruturada, considerando que a compreensão analítica do presente estudo depende do ambiente natural como sua fonte direta de dados. A amostra foi escolhida intencionalmente, buscando pessoas que tivessem algum vínculo com o desenvolvimento da cidade em suas diversas etapas, desde o a época da fundação, em 1960, até o desenvolvimento atual, 2006. Por se tratar de uma abordagem qualitativa em que se busca a ampla compreensão do contexto pesquisado, para coleta de dados utilizou-se uma entrevista gravada que, posteriormente, foi transcrita fidedignamente.

O resultado da pesquisa identificou que alguns aspectos ocorrem permanentemente na comunidade pesquisada desde a sua fundação, o que resulta na congruência dos relatos orais com o tema pesquisado e o aporte teórico trabalhado. Tais aspectos identificados nas entrevistas, atribuem ao comportamento do contexto pesquisado, características próprias das representações da hibridação que delinham a historiografia do município de Teixeira de Freitas, Bahia, devido a forte influência provocada pelo processo migratório natural do município. Neste contexto, vê-se que a população teixeirense, em seus “encontros e despedidas,” vivencia o contínuo movimento de desterritorialização e reterritorialização dos seus espaços simbólicos.

A amostra é representada por sete pessoas, que entre os anos de 1950 e 2005 migraram de outras regiões para Teixeira de Freitas, Bahia, acompanhando as diversas fases de desenvolvimento da cidade. Sendo que, 02 destas pessoas, são filhos dos primeiros moradores que chegaram à cidade em 1955 – desbravamento de Teixeira de Freitas, Bahia; 01 entrevistado migrou de Alcobaça, cidade circunvizinha nos anos de 1960 – advento da BR 101, no município; 01 pessoa migrou do Estado do Espírito Santo na década de 1970 – implantação das madeiras; 01 entrevistado descendente de japoneses chegou a Teixeira de Freitas em 1980 – apogeu da colonização japonesa na cidade pesquisada; 01 pessoa migrou do Estado de Minas Gerais em 1990 – com o a chegada das Empresas de Celulose; e 01 pessoa passou a trabalhar em Teixeira e Freitas, a partir de 2003 – expansão do Ensino Superior na cidade. Sendo, na sua totalidade,

01 mulher e 06 homens, os entrevistados. A idade dos entrevistados variou entre 40 a 66 anos. Do total dos entrevistados, dois são filhos dos pioneiros de Teixeira de Freitas. O nível de escolaridade variou entre alfabetizado, ensino médio e nível superior completo, contudo, pode-se perceber na coleta e transcrição dos dados que as respostas obtidas seguiram a mesma linha de raciocínio em relação à temática pesquisada.

Interpretação dos resultados

Nas entrevistas, percebeu-se que o espaço urbano representa em sua organização, as várias territorialidades nele representadas, sejam pela religiosidade dos capixabas, pela culinária oriental ou pela comida mineira.

Mediante o apanhado conceitual de identidade ora explicitado, vê-se que a constituição desta é resultante do crescente movimento populacional que marca o mundo contemporâneo em função do processo de globalização¹¹. Vê-se em Teixeira de Freitas a representação das muitas identidades. Em algumas situações é comum ouvir depoimentos de pessoas nascidas na cidade se referirem ao nordeste como sendo região à parte, ou seja, essas pessoas não se sentem nordestinas. Todavia, não se deve afirmar que a cidade está por formar a sua identidade cultural, mas, que essa identidade sofre cotidianamente a hibridação provocada pelo processo migratório, natural da comunidade pesquisada, sem, no entanto, “perder-se”. Essa pode ser a razão pela qual a cidade não se mostre em defesa desta ou daquela tradição cultural. Esta característica tem sido muitas vezes interpretada como sendo um comportamento indisciplinado. No entanto, aguardar a construção de uma determinada identidade, seria no presente contexto histórico, regredir a própria história.

Ao analisar os dados coletados, observou-se concordância entre as falas dos entrevistados, principalmente no que diz respeito ao movimento migratório a cidade de Teixeira de Freitas. Todos enfatizaram a contribuição deste para o desenvolvimento da região, reforçando a permanente desterritorialização e reterritorialização. Tais afirmativas correspondem ao pensamento de Haesbaert (2002), Canclini (2006), Deleuze e Guattari (1997) e Ortiz (1998), quando afirmam que o processo de desterritorialização e reterritorialização é o movimento pelo qual se cria um mundo atemporal, refletindo na superação dos limites geográficos pelo espaço globalizado.

Quando questionados sobre qual seja a identidade cultural do município pesquisado, os entrevistados observaram que a transitoriedade provocada permanentemente impede de se traçar a identidade de Teixeira de Freitas, vez que esta se desintegra cotidianamente, confirmando a concepção pós-moderna de identidade em Hall (1999), quando afirma que a hibridação ocasionada pela globalização torna a identidade uma “celebração móvel”, dada a interpelação

dos sistemas culturais a que somos submetidos permanentemente. Os entrevistados apontam ainda em suas entrevistas elementos que configuram a fusão das diversas culturas que compõem a população teixeirense. Ficou explícita nas entrelinhas das entrevistas que a identidade cultural do contexto pesquisado é percebida como diferenciada da cultura baiana, tanto na culinária como nas tradições. Neste contexto, percebeu-se a proposta de Canclini (2006), quando da presença da hibridação e suas representações simbólicas no cotidiano da cidade.

Observou-se que Teixeira de Freitas apresenta uma composição social com características pouco similares aos do seu estado de origem, a Bahia, o que a torna singular. O seu comportamento diferenciado em relação às demais cidades da Bahia quanto às questões alusivas a conduta cultural, social, política e religiosa, muitas vezes, expõe a cidade como subversiva, reforçando em seu comportamento atitudes híbridas.

Considerações finais

Pela pesquisa realizada foi possível identificar a concepção dos entrevistados sobre a formação identitária da cidade de Teixeira de Freitas, Bahia, através das etapas de desenvolvimento, vivenciadas no referido município, entre os anos de 1955 a 2005, cujas vivências permitiram aos entrevistados compreender, em cada década, o fenômeno da permanente desterritorialização e reterritorialização. Observou-se que a migração capixaba, mineira e japonesa e de outras regiões baianas representam o compartilhamento de signos, cujos vestígios estão presentes no cotidiano da cidade. O que caracteriza a referida comunidade como um território de estratégias culturais marcado pelo desenraizamento da cultura de origem baiana. Tratando-se, portanto, de uma cultura complexa, representada pela diversidade da migração das pessoas que escolhem Teixeira de Freitas como nova morada. Embora a discussão apresentada seja natural do mundo pós-moderno, a relevância deu-se em função do processo de hibridação ter sido vivenciado desde a sua fundação, multiplicando-se numa ordem naturalmente crescente.

Sobre a identidade cultural da cidade de Teixeira de Freitas, concluiu-se que ela não está por ser formada, mas apresenta em sua essência uma antecipação às novas formas de ocupação dos espaços físicos e simbólicos, resultantes da construção sócio-histórica, ora denominada de pluralidade cultural, contudo, o presente estudo, aponta para a possibilidade de elaboração de outros estudos sobre o contexto pesquisado, vez que, a validação das inferências aqui apresentada aponta para a continuidade de pesquisas que auxiliem na interpretação histórica do município pesquisado, dada à permanente itinerância que provoca rupturas na cultura local, refletindo em seus aspectos econômicos e sociais uma mutação permanente.

Artigo recebido e aprovado em novembro de 2006.

Notas

¹ Lévy conceitua cibercultura como sendo “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Cf.). LÉVY, PIERRE . Cibercultura. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

² Relatos do sr. Alcenor Alves Barbosa Filho, 45 anos, comerciante do segmento de materiais de construção, filho do sr. Alcenor Barbosa, em referência à chegada do pai, à Teixeira de Freitas.

³ Relatos da sra. Edileuza Rabelo Pina, filha do sr. Hegberto Rabelo Pina, em referência ao histórico da sua família e da cidade.

⁴ O Sr. José Caliman é um comerciante de 56 anos, capixaba, residente em Teixeira de Freitas.

⁵ Relatos da sra. Edileuza Rabelo Pina, filha do sr. Hegberto Rabelo Pina, antigo e ainda morador da cidade.

⁶ Wellington Renan é professor da Faculdade do Sul da Bahia em Teixeira de Freitas, e residente em Linhares, ES.

⁷ Engenheiro florestal, morador da cidade de Teixeira de Freitas.

⁸ Relato do Sr. Renato Carlos Neiva de Souza sobre as tendências vocacionais da cidade.

⁹ Comerciante da região do Extremo Sul da Bahia, 42 anos, filho de pais japoneses, nascido na região.

¹⁰ Sr. Diógenes, antigo morador de Teixeira de Freitas, é afro-descendente, veio de Alcobaça para Teixeira de Freitas, em 1950.

¹¹ A “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (Cf HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A,1999.

HYBRID IDENTITY REPRESENTATION IN THE TOWN OF TEIXEIRA DE FREITAS, BAHIA: ASPECTS AND CULTURAL DEVELOPMENT

Abstract: The present article intends to analyze the contributions of the migratory movement that originates the cultural identity of the town of Teixeira de Freitas, south extremity of Bahia state. The conceptual elements of identity are analyzed from the quarrels on after-modernity or delayed modernity and its influence on the daily routine of this town, that presents in its population constitution, ordinance of values instituted for the process of migration from various regions disclosing natural

trends of the cultural hybridization, deterritorialization and reterritorialization. Through qualitative research it was used semi-structured interviews for data collecting. It concludes that the identity of the tour of Teixeira de Freitas is not, still to be formed, but presents or its essence an anticipation of the news occupation forms of the fisik and simbolic spaces, as a result of the social historic construction, on this case denominated cultural plurality.

Keywords: *Hybrid identity, after-modernity, culture, migration.*

Referências

- ABROLHOS. *A cidade de Teixeira de Freitas*. Disponível em: <<http://www.abrolhos.com.br/teixeira/tecid.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2007.
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1998.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de A R. Lessa e H. P. Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. *Estudos sobre uma alternativa latino americana ao cultural studies*. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/30/canclini.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- LOPES, Luiz Paulo da M; BASTOS, Liliane Cabral (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- PREFEITURA DE TEIXEIRA DE FREITAS. Disponível em: <<http://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br>>. Acesso em: 18 fev. 2007.